

Salmos para dias difíceis

## VIII. Dia de saudade

A pandemia de 2020 interrompeu nossas reuniões presenciais... Que saudade! Ouvir as ministrações da Palavra, os testemunhos e os louvores olhando para a tela de um computador ou celular foi bênção, sim, mas não foi a mesma coisa... Até por que



ficamos sem as celebrações da Santa Ceia, sem os abraços e beijos fraternos, sem o calor humano... e sem lanches com gosto de amor! Oh, Senhor, até quando?

Os Salmos 42 e 43, originalmente um único e belo poema, espelham uma situação parecida. Não sabemos quem os escreveu, senão que era um dos descendentes de Corá, como dito no título do Salmo 42. Estando Israel no deserto, a caminho de Canaã, Corá, liderou uma rebelião contra Moisés, razão porque ele e seus liderados foram mortos por Deus (Números 16). Corá era levita, responsável pelos serviços sacerdotais. Talvez por isso, Deus poupou seus filhos (Números 26.11). Eles morreram posteriormente no deserto, assim como todos os israelitas que saíram do Egito, com exceção de Josué e Calebe, mas a sucessão levítica foi preservada. Podemos entender melhor os sentimentos mistos de saudade e tristeza, esperança e alegria expressos nestes salmos levando em conta que seu autor era levita. Na ocasião, ele estava exilado no extremo norte da Palestina, nas proximidades do monte Hermom e das nascentes do rio Jordão, a 340 km de Jerusalém. Assim, estava privado dos serviços sacerdotais. Transcrevo uma parte de seus lamentos.

*“Como a corça anseia pelas correntes de água, assim minha alma anseia por ti, ó Deus. Tenho sede de Deus, do Deus vivo. Quando poderei estar na presença dele? [...]. Meu coração se enche de tristeza, pois me lembro de como eu andava com a multidão de adoradores, à frente do cortejo que subia até a casa de Deus, cantando de alegria e dando graças, em meio aos sons de uma grande festa [...]. Agora estou profundamente abatido, mas me lembro de ti, desde o distante monte Hermom, onde nasce o Jordão [...].”* (Salmo 42.1-2, 4, 6).

O que mais nos chama a atenção nestes versos é o amor desse levita à Casa de Deus; melhor, ao próprio Deus. Ele tinha saudades daqueles bons tempos quando servia no templo, sempre na presença de Deus, que, na época, era associada ao templo. O salmista gostava muito de cantar no coral com os outros levitas; vez por outra, conduzia os cortejos de peregrinos que vinham a Jerusalém para a Páscoa e outras festas religiosas. Porém, agora... Que saudade!

Como se não bastasse, os pagãos daquela região zombavam de sua fé. Por isso, escreveu: “Dia e noite, as lágrimas têm sido o meu alimento, enquanto zombam de mim o tempo todo, dizendo: Onde está o seu Deus?” (42.3). De tanto ouvir isto, chegou a pensar que Deus, de fato, não estava por ali, e não se importava com ele. Quase em desespero, clamou: *“Ó Deus, minha rocha, por que te esqueceste de mim? Por que tenho de andar entristecido, oprimido por meus inimigos?”* E mais à frente: *“Defende-me desse povo mau [...].”* (42.9; 43.1).

Entretanto, como dito acima, seus sentimentos eram mistos. Porque tinha sede de Deus, ele se abatia com as lembranças do passado, e, intercaladamente, se animava com fé e esperança. Trabalhava sua tristeza, dizendo à própria alma: *“Por que você está tão abatida, ó minha alma? Por que está tão triste? Espera em Deus! Ainda voltarei a louvá-lo, meu Salvador e meu Deus!”* (42.5). No restante deste Salmo, e no próximo, vemos que ele ficava repetindo isso, como um estribilho (42.11 e 43.5). Tais

pensamentos, um exercício da fé, certamente o ajudaram muito. Ele percebeu que Deus estava por ali, sim, e não tinha se esquecido dele. Mesmo longe do templo, privado das reuniões presenciais e do ministério a que estava afeito, ele pôde dizer: *“Durante o dia o Senhor me derrama seu amor, e à noite entoo seus cânticos e faço orações ao Deus que me dá vida [...]”* (42.8).

Que orações fazia? Clamava por aquilo que sua alma mais anelava naquelas circunstâncias: *“Envia a tua luz e a tua verdade, para que me guiem. Que elas me conduzam ao teu santo monte, ao lugar onde habitas [Ao Monte Sião, a Jerusalém, ao Templo]. Ali irei ao altar de Deus, a Deus, fonte de toda a minha alegria. Eu te louvarei com minha harpa, ó Deus, meu Deus”* (43.3-4). Não foi sem razão que o famoso pregador, Charles Spurgeon, do século XIX, comentando estes salmos, disse: *“Aquele que melhor sabe cantar, nada melhor tem para cantar do que estes salmos.”*

Acho que, por razão dessa pandemia e conseqüente suspensão das nossas reuniões presenciais, cultos e pequenos grupos nos lares, entendemos bem o que o salmista vivenciou. Como ele, temos saudades... e esperança! Temos também nossos altos e baixos. A questão principal é: *“Temos sede de Deus?”*

O salmista anelava pela casa de Deus, isto porque amava o Senhor... Porém, depressa aprendeu que Deus não se restringe no espaço e no tempo. Está conosco e nos ama mesmo nestes tempos de pandemia e distanciamento. Podemos dizer como o salmista: *“Durante o dia o Senhor me derrama seu amor, e à noite entoo seus cânticos e faço orações ao Deus que me dá vida”*. Eu diria: Que nos mantém vivos!

Éber Lenz César (eberlenzcesar@gmail.com)